

**Celular, conversação e trotes malditos
numa comunicação de sonda.**

Nadja CARVALHO*

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.
(Livro dos Conselhos)

Resumo

O propósito deste estudo é ordenar atributos tecnológicos e elementos básicos que figuram na comunicação telefônica, em particular nas ligações por celular. Identifico uma *comunicação de sondagem* (CARVALHO, 2009) que ultrapassa a conversação oral e alcança o reduto dos trotes (reconhecidos/desapercebidos), enquanto compartilha espaço com outras funções: envio de textos breves e mensagens multimídia. A *comunicação exploratória* é acompanhada (ou rastreada) por falas de interlocutores e sonoridades de ambientes distintos, conduzida por uma *minimídia* (CARVALHO, 2008) que hibridiza linguagens interativas, sejam *dialógicas* na conversação, *parasitárias* no trote (CARVALHO, 2009), *telegráficas* no texto ou *voláteis* na imagem (SANTAELLA, 2007).

Palavras-chave: Comunicação de sonda. Conversação oral. Trote.

Abstract

The purpose of this study was to order technological attributes and basic elements that they represent in the phone communication, in matter in the connections for cellular. Identify a *survey communication* (CARVALHO, 2009) that crosses the oral conversation and it reaches the stronghold of the trots (recognized / unnoticed), while he shares space with other functions: sending of brief texts and messages multimedia. The *exploratory communication* is accompanied (or tracked) by speakers' speeches and sonorities of different ambiences, conducted by uma *minimídia* (CARVALHO, 2007) that hybridizes interactive languages, are dialogic in conversation, parasitic on the trot (CARVALHO, 2009), telegraph or volatile in the text in the image (SANTAELLA, 2007).

Keywords: Survey communication. Oral conversation. Trot.

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP.

Fala, quero saber

Precisamos detalhar a comunicação telefônica. Interessam as circunstâncias sob as quais ela se efetiva e, no caso particular do celular, os tipos de conversações e interatividades que acolhe. Santaella (2007, p.249) em tópico sobre “oralidade, escrita, hipermídia” diz que na Escola de Toronto¹, foram estudadas a “oralidade primária” e a sua correspondente cultura. Neste estágio a oralidade caracterizava-se pela ausência da escrita que contava apenas com a informação preservada na mente das pessoas. É claro que com o surgimento da escrita a oralidade perdeu sua exclusividade e a comunicação prosseguiu mesmo com a ausência de um dos interlocutores. O surgimento do telefone, conforme a autora (op. cit., p.250) chama atenção, retoma o antigo ritual participativo da comunicação, “a fala e o diálogo voltam à cena da comunicação”. Acrescenta ainda que “o telefone promove um retorno a um tipo de intersubjetividade similar à da oralidade primária, muito embora a condição face a face da interatividade seja substituída pela interatividade voz a voz”.

A nossa questão é identificar o tipo de comunicação que o celular promove. Sabemos que o celular agrega funções convergentes e permite o trânsito de diferentes linguagens híbridas e interativas, conduzidas por uma *minimídia* (CARVALHO, 2008, p.77,81) de transferência de dados ou *comutação* (Couchot, 1988, *apud* SANTAELLA & NÖTH, 1998, p.174) e, afora a conversação telefônica, ainda reserva espaço para a arte móvel na efusão da *estética da transmissão* (BEIGUELMAN, 2006, p.155). A portabilidade talvez seja o maior e melhor atributo do celular em relação ao telefone fixo de uso doméstico, corporativo e compartilhado (internet, coletivo).

A mobilidade do aparelho celular é o sinal distintivo que confere usabilidade pessoal ao proprietário. Então, queremos saber quais são os domínios em que a ação comunicativa se propaga? Mobilidade, interlocução, sonoridade, mensagens de texto e multimídia, nos parece uma resposta plausível. A comunicação telefônica, em particular por celular, promove a conversação no mínimo entre duas pessoas, localizadas em pontos distintos, permitindo uma conversa urgente ou a zombaria de um trote, além de receber e enviar textos, fotos, sons, vídeos, artes. A comunicação por celular assegura a *mobilidade do diálogo* (SANTAELLA, 2007, p.250) que pode ocorrer em qualquer lugar e hora.

Comunicação por celular

A maior parte das motivações da ligação por celular é de ordem pessoal e de rastreio: familiar, profissional, afetiva, exploratória. Em ligações feitas por adultos e recebidas por jovens são comuns respostas sobre localização, companhias, horário de saída e chegada². As ligações, de modo geral, apresentam relatos descritivos feitos por pessoas que estão localizadas em espaços diferentes. O diálogo segue intercalando perguntas, respostas, pausas, expressões conectoras de fala. As características gerais de espaços e ambientes costumam ser descritas e a presença das pessoas é valorizada. No entanto, vale ressaltar a natureza curiosa das ligações, uma chamada atendida tanto introduz quanto rastreia informações durante a conversação.



Digamos que compartilhar processos de sociabilidade através de telefonemas significa integrar uma *comunicação de sondagem*. Mas que comunicação é essa? Como ela funciona? As falas intercaladas ao telefone já definem por si só, uma *comunicação exploratória* de interesse mútuo, qualquer ligação em circunstância natural funciona como uma sonda dialógica curiosa que quer saber notícias, fazer descobertas, informar para confirmar. Pode surgir todo tipo de pergunta, da mais simples a mais indiscreta. O que está fazendo agora? Que roupa está usando? São perguntas entre amigos que não fariam sentido num encontro pessoal, mas ao telefone são recebidas com naturalidade. Toda ligação é constituída por perguntas, uma boa parte delas íntimas, estritamente pessoais. As perguntas podem ser diretas ou indiretas, podem corresponder a diferentes tipos de curiosidades.

Na comunicação telefônica pelo menos um dos interlocutores quer saber a respeito do outro, ou estar disposto a informar e ser indagado, caso contrário, a ligação não teria sido feita ou atendida. Descobrir aquilo que o outro sabe, averiguar o conhecimento do outro, saber sobre o que experimenta ou vivencia naquele instante, são curiosidades comuns às ligações. A estrutura de sondagem instaura um ritmo de perguntas³ que alterna falas, lapsos de silêncio e repetições fáticas (Ah, é! Não! Certo! Ham ram!). As ligações telefônicas despacham, portanto, uma grande quantidade de informações e intenções: entonações na resposta mesclada à voz que faz a pergunta; a sonoridade referencial compartilhada entre espaços físicos distintos; encenações e efeitos sonoros no intuito de ridicularizar. Estas pistas constituem alguns dos propósitos que integram o universo dialógico de sondagem da comunicação por telefone.

A comunicação por celular integra um processo dinâmico, sempre receptivo a contínuas novidades. O aparelho é móvel, a sua tecnologia não é estática, a conversação e os demais formatos de linguagens são versáteis e interativos. Podemos até visualizar um esquema do processo da comunicação telefônica, mas na certeza de que o mais apropriado é entender a urdidura das conversações por telefone e identificar elementos essenciais da ligação anônima feita por gozação ou brincadeira maldosa⁴. Aproveitei, mesmo assim, para revisar clássicos esquemas do processo da comunicação. O modelo de Aristóteles é prático e ajustável à conversação, a mensagem provém e se dirige à mente dos interlocutores, mas fica de fora o *canal* (telefone). Já o modelo de Claude Shannon e Warren Weaver (1947)⁵, os pioneiros da Cibernética, estruturada depois por Norbert Wiener (1949)⁶, é aplicável a circuitos eletroeletrônicos como o telefone. Optamos por ilustrar uma projeção dos elementos constitutivos da comunicação por telefone, sendo coerente com o esquema Shannon-Weaver, apenas acrescentando a *mensagem* que ficou de fora deste modelo (Ver figura 1).

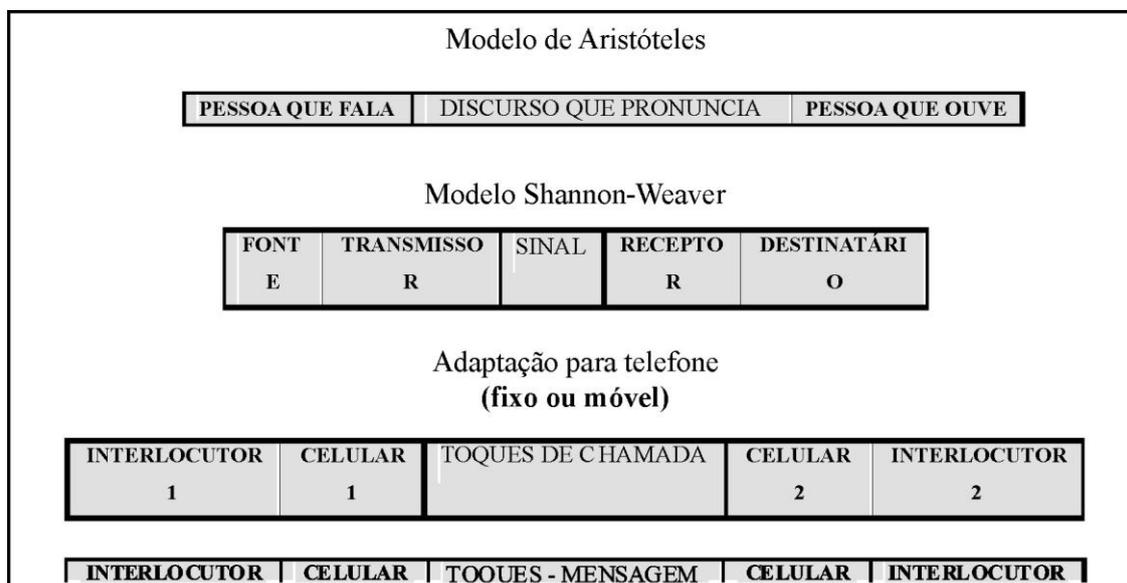


Figura 1 - Os próprios *ringtones* ou toques de chamada constituem mensagens musicais e efeitos sonoros com diferentes significados. David Berlo (1982, p.38), por outro lado, já equiparava o SINAL (Shannon-Weaver) ao DISCURSO (Aristóteles). Aproveitamos para fazer equivaler SINAL a MENSAGENS por telefone (conversa o, trote, multim dia).

Na comunica o por telefone os interlocutores usam a conversa o como uma sonda de perguntas que   introduzida por entre as brechas do diálogo, com o propósito de obter informa o de seus interesses. A dupla flexibilidade na interlocu o   essencial   manuten o do diálogo, considerando que a comunica o pode ser interrompida a qualquer momento, caso um dos interlocutores tenha a inten o de desligar. A expressão f tica das falas, associada   sonoridade dos ambientes referenciais, compoem um volume de informa o que pode interromper ou prolongar a comunica o. Temos ruídos repetitivos, balbucios, tiques de fala que, em seu conjunto, podem testar o canal ou apenas criar a ilusão de que a comunica o flui, quando na verdade a conversa monossil bica pede para ser interrompida. Já as perguntas, são senhas de permanência na comunica o por telefone.

Al ! Vamos trotar

Qualquer liga o telefônica revela uma comunica o no mínimo interpessoal e os interlocutores estão situados em ambientes diferentes. Uma liga o em curso se define basicamente na contra-sonoridade de locais distintos e no contraste entre as falas dos interlocutores. A sua visibilidade s    possível através da entona o da voz e do som ambiente do local das falas. Uma liga o por celular até pode motivar o envio de fotos, na tentativa de suprimir a ausência de referências visuais, mas a imagem que extraímos da liga o sonora   apenas mental. O domínio do espaço sonoro permite a cria o de artifícios encenados como gargalhada, choro; os ruídos ambientais também podem ser forjados.



Sem a imagem sonora não haveria o trote telefônico³. Em uma ligação perdemos a sinalização física da pessoa que fala. A exclusão dos referenciais físicos do nosso campo perceptivo - expressão facial, gestos corporais, local de onde fala - nos impõem apenas a presença da voz da pessoa e da sonoridade vinda dos ambientes. Somos conduzidos por guias sonoros e significações mentais e só nos resta acreditar ou não naquilo que escutamos. O trote conta com a exclusividade da percepção auditiva, aliada ao alibi do anonimato e da distância que separa os interlocutores. Esta conjugação de fatores favorece a natureza teatral do trote, possibilita o surgimento de inúmeras encenações no intuito de ridicularizar e zombar do outro.

Dissimulações e provocações no trote funcionam como ratoeiras sonoras, armadas para que o interlocutor siga caindo. Em alguns casos a pessoa sequer desconfia; em outros é tomada por forte sentimento de raiva – esbraveja e xinga - enquanto o trotista se diverte amparado na distância física e no anonimato. O trote tem este espírito covarde de provocar quem está quieto, às vezes até em seu horário de descanso, dormindo. No trote *Que horas são?*⁸, realizado em plena madrugada, o trotista pergunta *Que horas são?* Uma voz masculina recém acordando responde, *Vocês estão de brincadeira. São 04:45*. O trotista simula ser da companhia telefônica e pede desculpas por estar ligando naquele horário, ele avisa que a partir das 06:00 horas o telefone será desligado por um mês e complementa a ligação, *Se quiser ligar pra namorada ou pra alguém é melhor ligar agora*.

O trote tem este poder de invadir a privacidade do outro, de infernizar a vida alheia, consegue provocar, por exemplo, especulações sobre quem teria ligado àquela hora da madrugada. Existem trotistas profissionais que conseguem enganar com facilidade, funcionam como verdadeiros *serial actor* do trote telefônico, sempre em busca de uma próxima vítima. A pessoa-alvo costuma estar desprevenida, seja pelo corre-corre do dia-a-dia, seja pela ingenuidade e despreparo para a malícia. Independente das razões que levam uma pessoa a cair num trote, muitas vezes fica difícil evitar trotes rápidos como, *Com quantas pirocas se faz um galego?* Ou ainda, *É da casa da mãe de quem?*.

O trote é uma ligação anônima feita por brincadeira, mas esta não é uma regra, alguns apresentam requinte de maldade. O papel do trotista na comunicação telefônica precisa ser examinado, ele não é apenas um gozador ou criador de piadas improvisadas, também conta com a participação involuntária da sua vítima. A pessoa que passa o trote transforma o telefonema em um palco de teatro, com encenações e dublagens nem sempre criativas. Algumas idéias são versáteis e executadas com sucesso, outras pecam por persistir no óbvio, principalmente quando travam intermináveis trocas de ofensas e palavrões. Os trotes utilizam recursos de fala dissimulados e ambíguos, podem recorrer a interpretações falsas da voz e ainda utilizar artifícios de som ambiente.

Existem trotes que são verdadeiros torpedos, onde uma piada já pronta é largada de súbito na ligação e o telefone é desligado às pressas, a rapidez no final do trote tem o propósito de deixar a pessoa falando sozinha. Em outros, a piada é concluída com calma e a pessoa que recebe a ligação pode até achar estranho, mas não consegue se dar conta do que está acontecendo, existem até pessoas que caem mais de uma vez num mesmo trote. Por outro lado, há trotes impiedosos que provocam o outro até o limite da sua irritação, nestes casos a vítima - não agüentando mais - só lhe resta bater com o telefone.



Alguns trotes simulam lapsos de memória: *Como é mesmo o nome da sua vizinha? Ah! É esse mesmo.* A estratégia de obter informação na própria fonte-alvo é infalível, um trote que consegue se manter neste ritmo costuma tirar vantagem na conversação por um bom tempo. Ele funciona amparado numa argumentação *parasitária* e evolui com a colaboração do interlocutor. Conta com a informação segura que a própria vítima é estimulada a fornecer. As perguntas mais recorrentes são: *Advinha quem está falando? Quem poderia ter dito isto? Só existe uma pessoa que diria algo assim?* Inevitável, toda resposta que o interlocutor fornecer será de imediato aceita como correta pelo trotista.

Um trotista profissional pode cavalgar na companhia de um outro trotista, chegam a revezar-se na condução de um mesmo trote até que a brincadeira se esgote por si mesma. Há casos em que apenas um trotista consegue falar com várias pessoas de uma mesma casa sem ser descoberto. A técnica do trote pode contar com dois trotistas para uma pessoa ou um único trotista para duas, três, ou mais pessoas.

No trote *Acompanhante* ¹⁰dois trotistas estão envolvidos na brincadeira: o filho e o pai idoso que precisa de acompanhante. A motivação veio de um anúncio de jornal que oferece serviços de acompanhante para idosos. Um momento engraçado deste trote é quando o idoso pede permissão para contar uma piada à sua futura acompanhante, ela diz que sim. Passamos então a escutar na voz do idoso: *Você sabe o que dois pintos disseram um ao outro? Não,* responde a futura acompanhante. O idoso, animado, larga a resposta: *Disseram Piu! Piu!* A piada é infinitamente tola e pior que a sua bobagem, só mesmo a insistente risada idiotizada do idoso. Este trote é desconcertante, sugere que a acompanhante terá que ouvir este tipo de piada caso aceite o serviço, considerando que o idoso acredita ser um bom humorista e diz gostar muito de contar piadas.

McLuhan e Watson (1973, p.103) fazem uma observação que ajuda a entender o trote: *“As pessoas letradas têm grande dificuldade em preencher espaços não-visuais uma vez que tendem a aceitar a atividade do olho isolada de outros espaços”*. Com a percepção visual isolada de outros sentidos, o *ver para crer* de São Tomé é quem costuma definir o campo perceptivo. A noção de espaço euclidiano, centrado apenas na visão, também reforça esta percepção que privilegia apenas o espaço enxergado. Mas é pouco provável que este tipo de condicionamento visual alcance apenas pessoas letradas. Qualquer voz-a-voz é difícil de ser desvendada sem o cara-a-cara. O espaço sonoro gerado pela ambiência telefônica provoca uma confusão na percepção, a pessoa tende a acreditar no que ouve como costuma acreditar naquilo que vê ou que pelo menos já viu tantas outras vezes.

O acervo imagético do interlocutor é acionado, baseado nele são atribuídos os sentidos àquilo que é escutado. A tendência é vincular de imediato qualquer som a uma imagem, quando o som não é compreendido se costuma perguntar: *Que barulho é este? Está escutando um chiado?* A voz conhecida é associada à pessoa; o ruído vinculado a um objeto. Em casos de uma combinação entre sons diferentes, o resultado sonoro pode estar ocorrendo no momento da ligação ou tratar-se de uma reprodução simulada e proposital. As sonoridades escutadas em trotes pesquisados na internet sugerem ter sido obtidas de um programa de TV; podem decorrer de cenas extraídas de um filme; ou ter sua origem capturada de uma peça de teatro. Percebe-se a versatilidade dos trotes em integrar recursos sonoros remixados de outras mídias.



Trotes em vídeo e MP3

É provável que o termo “trote” telefônico tenha sido inspirado no modo de *cavalgar a trote* de cavalo, referindo-se a um tipo de andadura do animal que varia entre o passo e o galope. A analogia entre o modo de cavalgar e o trote telefônico talvez possa residir na dubiedade do trote, que em sendo falso quer passar por verdadeiro. Em alguns trotes o ritmo inicial da ligação é envolvente, o trotista faz uso da improvisação e procura ganhar a confiança da vítima, costuma acelerar o ritmo no desfecho da ligação e após o trote ser concluído o telefone é desligado com rapidez.

Conforme podemos constatar em pesquisa a sites que disponibilizam trotes, realizada em dezembro de 2008¹¹, a internet tem conferido ao trote um *status* de atração: trotes telefônicos viram vídeos e exibem a sua própria execução; outros têm sido gravados em MP3 e são veiculados em emissoras de rádio FM¹². Escolhemos três trotes para exemplificar o nosso entendimento sobre a *comunicação de sonda*, que integra desde as conversações mais corriqueiras até as incursões ousadas dos trotistas. Os trotes foram selecionados pelo poder de convencimento e permuta entre vozes feminina e masculina, emprego de efeitos sonoros na criação de ambientes e ainda pela participação involuntária e até mesmo voluntária, sem as quais o trote não se concretiza.

Em *Pedrinho é homossexual* (MP3), o trotista age a maior parte do tempo como um parasita. Obtém rápido o nome de Pedrinho e diz que o conhece. Deseja falar com ele, mas o rapaz está ausente, congregando em casa de um vizinho. O trotista pede para falar com a esposa do senhor Pedro (padrinho de Pedrinho), diz que a conhece e teria conversado muito com ela e o Pedrinho da última vez em que se encontraram. O senhor Pedro chama dona Maria (madrinha de Pedrinho), ela pergunta quem está falando. O trotista responde com outra pergunta: *Adivinha?* E insiste: *Adivinha quem está falando?* Arrisca dona Maria: *É a Neusa?* O trotista não vacila: *Acertou. É a Neusa* (amiga da família). A voz da impostora deixa dona Maria intrigada: *Sua voz está rouca!* O trotista disfarça e diz estar com uma forte gripe. Tosse bastante para convencer. Segue conversando amenidades até dizer o boato que todos comentam: *Pedrinho é gay*.

Este trote envolve várias pessoas: Neusa (trotista), Pedrinho (afilhado), senhor Pedro (padrinho), dona Maria (madrinha), Genilda (pessoa da casa), além de outros personagens fictícios que surgem para bater ou atirar em Neusa. Os diferentes cenários sonoros permitem a criação de imagens mentais que vão mudando com rapidez, sai de um tiroteio, passa por uma festa comunista, chega a um teatro. Os efeitos sonoros de tiroteio e pancadaria assustam muito e terminam por conferir veracidade. O trotista na interpretação de Neusa simula uma voz feminina rouca, tosse, chora e, entre as suas interpretações, ainda consegue alternar a voz de Neusa com vozes masculinas de pessoas que a persegue. A trama é forjada por uma *lógica parasitária* que evolui no improviso da ligação e as situações vão sendo criadas na medida em que contam com a colaboração involuntária das vítimas.

Apesar das informações desconstruídas e da suspeita de que Pedrinho é gay, nenhuma das três pessoas revezadas neste trote foi capaz de desmascarar Neusa. As informações que chegam ao senhor Pedro não são repassadas à dona Maria, que também não as repassa para Genilda. As pessoas atordoadas querem ajudar Neusa em seu drama. No momento do desfecho do trote, Neusa muito torturada fala com dificuldade, como se



estivesse com algo no interior de sua boca, quando de súbito um estampido de revólver é escutado. Telefone desligado. Fica a dúvida: Neusa foi assassinada? Ou cometeu suicídio?.

Em *Fala que eu te escuto* (vídeo), o trotista consegue infernizar um programa de televisão da Igreja Universal, no exato momento do descarrego. É com base no contra-senso religioso, no falso poder do descarrego que o trote ganha força e graça. O pastor pede em oração que o encosto se afaste do corpo do possuído: *Sai dele*. A voz rouca do encosto resiste: *Não. Ele é meu*. O pastor é mais incisivo: *Sai deste corpo*. O encosto retruca: *Não. Não*. Na seqüência o encosto tripudia: *Ele é meu em nome de Jesus*. Apesar da dificuldade para conter o encosto, o pastor consegue concluir o descarrego com sucesso, levando-se em conta que o trotista assume estar se sentindo bem melhor e livre do tal encosto. Ao final o pastor recomenda: *Respira fundo aí! Beba água*. E deseja vê-lo no dia seguinte em sua igreja.

A novidade deste trote é que ele envolve diferentes mídias. O telefonema é feito a um programa de TV, gravado ao vivo, filmado a partir da sua exibição num aparelho de TV, que está localizado no mesmo quarto em que o trotista é possuído pelo encosto. A ligação do trotista ao programa de televisão e a performance do pastor, empenhado no descarrego deste encosto, são filmadas simultaneamente. O vídeo da execução do trote torna possível assistir a trama de uma imagem sonora, forjada e enviada para o outro lado da ligação, ao mesmo tempo em que as reações corporais do pastor estão sendo exibidas no aparelho de TV. A graça reside em poder visualizar as duas farsas: o trote e o descarrego, realizado por telefone e exibido na TV, praticamente, assistindo ao vídeo, não restam dúvidas de que o pastor seja um coadjuvante voluntário nesta cavalgada.

O trote *Pai tô grávida* tripudia com a aflição de um pai que acaba de saber que vai ser avô. A notícia de que a filha está grávida ganha ar de veracidade, em razão de ter sido transmitida ao pai pela própria filha. Ela está acompanhada do namorado Cleyton, que deseja falar com o sogro sobre a gravidez não planejada. O resultado é desesperador, contudo, o trote mesmo com requinte de maldade, tem a sua graça perversa. Este trote encena uma zombaria com a diferença entre classes sociais e também estabelece uma gozação com os padrões de linguagem. A trama revela um embate entre falas sociais distintas: um é letrado e nada refinado (pai da moça); o outro popular e usa muita gíria (futuro pai). Quando o sogro pergunta sobre a perspectiva de trabalho e salário do futuro pai, a atuação de Cleyton no mercado de trabalho informal é traduzida por: *Tô na correria!* A chance de uma paternidade responsável está descartada.

O namorado Cleyton inicia sua fala com o sogro nestes termos: *Oh! Mano. Tenho até a moral de assumir o bagulho*. A linguagem de malandro coloca à margem os padrões formais de diálogo com o futuro avô, a palavra “bagulho” associada a “droga” provoca um choque brutal e desencadeia a revolta do avô. O confronto entre realidades distintas, sinaliza na fala de Cleyton que “bagulho” também significa “filho”. O quadro de exclusão social deste futuro pai, um *office boy* que ganha R\$ 250,00 por mês e não tem vínculo empregatício, desencadeia uma reação enlouquecida e histérica por parte do avô. Cleyton aproveita a ocasião, em que acaba de conhecer o sogro, diga-se por telefone, e apela: *Falo na humildade... mas dá pra me liberar uma ajuda de custo*. O



descontrole do avô é total. A filha intervém e diz se tratar de um trote, mas o silêncio do pai do outro lado da linha diz muito sobre o impacto provocado¹⁵.

Considerações em curso

McLuhan e Watson (1973, p.102), em estudo sobre clichês e arquétipos, lembram um velho provérbio: “Fala para que eu te possa ver”. A fala permite visualizar a pessoa que está do outro lado. Através da fala ficamos sabendo sobre outros lugares e situações experimentadas por uma outra pessoa. Mas antes de tudo, atendemos ao instinto do bicho curioso que somos. Qualquer pessoa que cultiva uma arte, sem fazer dela uma profissão, costuma dizer que é apenas um curioso. Com a *comunicação de sondagem* ocorre o mesmo, o espírito do curioso predomina como uma sonda exploratória em conversações e trotes, digamos que com o telefone somos *tipos curiosos* atuantes na sociabilidade da vida cotidiana.

Na conversação por telefone, contudo, não temos como avaliar o sentido ambíguo de uma fala, ela pode ser entendida de várias maneiras. Numa ligação não podemos contar com os ícones que acompanham e-mails ou ilustram os sentidos de um bate-papo no MSN; muito menos temos acesso à expressão facial via webcam quando estamos conectados à internet; nem contamos com a sinalização corporal apresentada numa conversa cara-a-cara. É difícil falar com alguém sem o olhar físico, ficamos apenas com a sonoridade e o olhar mental.

A falta da visão física é a condição essencial para a aparição do trote. É só atender a um telefonema para já estarmos “cegos”, a partir daí tateamos vozes e sons de ambientes. No romance *Ensaio sobre a cegueira* (1995, p.310), de José Saramago, há um diálogo entre um médico e sua mulher que ilustra a situação de “cegueira” ao telefone. A mulher pergunta ao marido: “Por que foi que cegamos”. O médico retruca: “Queres que te diga o que penso... Penso que não cegamos, penso que estamos cegos”. A idéia paradoxal é que existem “Cegos que vêem” e, por sua vez, existem “Cegos que, vendo, não vêem”. O trote aposta nesta segunda alternativa com sustentação na ausência dos referenciais visuais, por outro lado, na melhor das hipóteses, o trotista pode esconder um ator ressentido, inclusive por sua própria restrição visual, o que não descarta do trote a forte motivação para a zombaria feita quase sempre por um estranho.

Mas além da vaidade teatral reprimida ou do gosto natural pela troça e caçoada, as áreas de irritação e perturbação social também ajudam na aparição do trote. A própria adversidade da realidade, conforme registra Freud em seu artigo *O humor* (1927)¹⁶, colabora com o surgimento de pilhérias, ridicularizações de valores, crenças religiosas, enfim, qualquer assunto que desperte recusa ou desprezo pode se constituir em material instigante ao trote. Uma série de pistas plausíveis pode justificar a criação do trote: a falta de tolerância e o desrespeito pelas diferenças; o gosto pela zombaria e riso fácil à custa do outro; o anonimato e a distância que protege o trotista; o desapego afetivo pela pessoa desconhecida, o interlocutor-alvo do trote.

A “treva branca” que acomete os personagens de José Saramago tem alguma coisa a nos dizer sobre trotes e ligações telefônicas. As pessoas precisam aprender a viver novamente. Talvez seja isso, o que tentam fazer algumas conversações orais e trotes. Procuram entender, o que não vemos ou simplesmente não queremos ver. Há casos em

que esta limitação se traduz em trotes nada engraçados, até mesmo terríveis. Mesmo que as adversidades da realidade instiguem a aparição do trote, existem aqueles que são perversos em seu prazer de torturar com as palavras. Saramago (1995, p.63) nos lembra da “responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam”, esta mensagem fica como proposta para futuras reflexões sobre o estudo do trote, no intuito de entender melhor a experiência sonora que disfarça os sinais físicos e exteriores da visão. Vale parafrasear a epígrafe do Livro dos Conselhos: “Se podes ouvir, escuta. Se podes escutar, repara”.

Notas

¹ No grupo de pesquisadores da Escola de Toronto, envolvidos com os estudos da “oralidade primária”, destacam-se Walter J. Ong (1982) e E. A. Havelock (1986). Cf. Santaella, 2007, p.249.

² Celulares podem agregar comandos eletroeletrônicos como GPS, acesso a internet e conectividade. Há ligações que acompanham a trajetória do usuário, promovendo uma ação de rastreamento similar ao acompanhamento no Twitter.

³ Podem surgir perguntas do tipo: *objetiva*, formulada de maneira clara e óbvia; *informativa* para extrair uma opinião; *subjéctiva e/ou provocativa* para obter alguma reação ou confirmação.

⁴ As ligações anônimas com motivações criminosas não foram observadas, entretanto, reconheço a grande importância que um estudo desta natureza tenha para a área de comunicação, segurança pública, espaços carcerários e violência urbana.

⁵ Boa parte dos modelos de comunicação decorre do modelo de Aristóteles. O modelo Shannon-Weaver tem grande afinidade com o aristotélico: FONTE (quem fala), SINHAL (discurso), DESTINATÁRIO (quem ouve), ficaram de fora do modelo de Aristóteles o TRANSMISSOR e o RECEPTOR, dispositivos que enviam e captam mensagens. Cf. David Berlo, 1982, p.38.

⁶ O matemático estadunidense Norbert Wiener (1894-1964), estudou física probabilística, filosofia e neurologia, conhecimentos que aparecem em seu livro *Cibernética* (1948). Wiener viu na *informação* a mesma importância que costumava ser dada à *energia* ou à *matéria*.

⁷ Nem seria possível a chantagem telefônica com extorsão por falso rapto, seguido por ameaça de morte.

⁸ É natural que uma pessoa acordada por uma ligação feita de madrugada, não consiga prevê de imediato que se trata de um trote. Disponível em www.portuguelandia.com.br, acesso em 2008.

⁹ Neste estilo rápido em formato de trocadilho existem inúmeros trotes: “Você trabalha com roupa? Não. Então você trabalha pelado?”; “É da casa da Ida? Não. E da Volta?”; “Vocês trabalham com Pentium? Sim. E com Escovaum?”; “Tem pão de ontem? Tem. Bem feito! Quem mandou fazer muito”. Disponível em www.portaldavaca.com.br, acesso em 2008.

¹⁰ Disponível em www.portaldavaca.com.br, acesso em 2008.

¹¹ Esta investigação integra a pesquisa sobre *Minimídia celular: estudo da comunicação, informação e entretenimento*, atualmente vinculado ao Departamento de Mídias Digitais (DEMID) da Universidade Federal da Paraíba.

¹² Para escutar trotes é só realizar buscas no Google ou Youtube: trotes telefônicos em MP3 e em vídeo estão disponíveis na internet.

¹³ O trotista utiliza uma *lógica parasitária* na conversação e segue construindo seu improvisado a partir das informações que obtém de suas vítimas. Consulta em www.trotestelefonicos.cjb.net, acesso em 2008.

¹⁴ O trote aplicado à Igreja Universal deu origem ao vídeo *Fala que eu te escuto* (2005), produzido por jovens que integram a comunidade *Casa da Vaca no Orkut*. Disponível em www.portalcab.com/videos/igreja-universal.php, acesso em 2008.

¹⁵ Não fazemos idéia do desgaste emocional que um trote como este pode acarretar, a sua trama termina sendo pesada até para quem está de fora e apenas escuta. Disponível em www.cybergan.com.br, acesso em 2008.

¹⁶ *O humor* (1927), de S. Freud, é um pequeno artigo que complementa o seu trabalho sobre os chistes, de título *Os chistes e a sua relação com o inconsciente* (1905).

Referências

BEIGUELMAN, Giselle. “Entre hiatos e intervalos (A estética da transmissão no âmbito da cultura da mobilidade)”. In: ARAÚJO, Denize Correa (org.). *Imagem (ir) realidade: comunicação e cibermídia*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

BERLO, David Kenneth. *O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática*. Trad. Jorge Arnaldo Fortes. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

CARVALHO, Nadja. “Da telinha do celular, pequenas mídias ditam um novo conceito”. In: *Culturas Midiáticas / Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba*. Ano 1, n.1 (jul.-dez.). João Pessoa, UFPB, 2008.

FERREIRA, Daniela C. M. & PAIVA, José Eduardo R. *O áudio na internet: uma orientação para os profissionais de comunicação e de tecnologia*. Uberlândia, MG: EDIBRÁS, 2008.

FREUD, S. “O humor”. In: *Obras completas*, Vol XVII. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1927.

LEÃO, Lucia (Org.). *O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias*. São Paulo: Edt. Senac São Paulo, 2005.

MCLUHAN, Marshall e WATSON, Wilfred. *Do clichê ao arquétipo*. Rio de Janeiro: Record, 1973.

MACLUHAN, Marshall. *MacLuhan por MacLuhan: conferências e entrevistas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

PIZZOTTI, Ricardo. *Enciclopédia básica da mídia eletrônica*. São Paulo: Edt. Senac São Paulo, 2003.

SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lucia & NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Sites /Trotes (Acesso em: novembro de 2008)

www.trotestelefonicos.cjb.net

www.portuguelandia.com.br/trotes

www.solbrilhando.com.br/Trotes/Trotes.htm

www.cybergan.com.br/toplincks/mysql/download.php?id

www.portalcab.com/videos/igreja-universal.php

www.youtube.com